



CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Cinemateca Júnior
Palácio Foz – Praça dos Restauradores

YAABA / 1989

YAABA - AVÓZINHA

um filme de **IDRISSA OUEDRAOGO**

Realização e Argumento: Idrissa Ouedraogo *Fotografia:* Matthias Kälin *Música:* Francis Bebey *Montagem:* Loredana Cristelli *Som:* Jean-Paul Mugel *Guarda-Roupa:* Mariam Sidibé *Assistentes de Realização:* Ismaël Ouedraogo, Paul Zoumbara *Interpretação:* Fatimata Sanga (Yaaba), Noufou Ouedraogo (Bila), Roukietou Barry (Nopoko), Adama Ouedraogo (Kougri), Amadé Toure (Tibo), Sibidou Ouedraogo (Poko), Adame Sidibe (Razougou), Rasmene Ouedraogo (Noaga), Kinda Moumouni (Finse), Assita Ouedraogo (Koudi), Zenabou Ouedraogo (Pegda), Ousmane Sawadogo (Taryam).

Produção: Arcádia Films, Les Films de l'Avenir, Thelma Film AG (Burkina Faso, Suíça, França, 1989) *Produtor:* Idrissa Ouedraogo, Michel David *Estreia:* Maio de 1989, no Festival Internacional de Cinema de Cannes, Quinzena dos Realizadores (prémio FIPRESCI; menção especial prémio Ecuménico do Júri) *Estreia comercial em Portugal:* 28 de Setembro de 1989, no Fórum Picoas 1 *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, 89 minutos, versão original legendada em português, 89 minutos.

NOTA

A cópia que vamos exhibir, proveniente do circuito comercial, apresenta sinais de desgaste sobretudo visíveis na passagem das bobines, designadamente riscos longitudinais no suporte.



Numa bela definição da época da sua estreia, YAABA foi referido como uma história de crianças que aprendem a olhar. Confere. É através dos olhares de duas crianças, Bila e Nopoko, que Idrissa Ouedraogo filma as personagens que habitam uma pequena aldeia do Burkina Faso num momento em que a comunidade atravessa tensões vindas de conflitos geracionais e culturais, evocando os termos de uma parábola iniciática. “Não exactamente um conto, mas a memória de uma história que me contaram”, disse então.

Na altura, Ouedraogo realizara várias curtas (as primeiras, POURQUOI? e POKO, são de 1981) e assinara uma longa-metragem, YAM DAABO / “A ESCOLHA” (1986). YAABA veio na sequência daquela e na consciência do luxo que fazer cinema representava no Burkina Faso da época, tendo como outra face da moeda o reconhecimento da sua

existência, o que o merecido êxito do filme veio efectivamente fazer. No caso concreto, aos esforços de produção africanos juntaram-se os franceses e os suíços, uma equipa técnica condicente (minimalista e experimentada), actores não profissionais, a experiência de filmagens “in loco”, filmagens nocturnas, o desejo de um trabalho sobre o som então considerados raros em semelhante quadro de produção e rodagem. “Apercebo-me de que YAABA é uma abertura ao nosso cinema que balbucia”, disse Ouedraogo aos *Cahiers du cinéma* em 1989.

Na mesma entrevista, afirma a simplicidade da história relacionando-a ao trabalho com os actores, a possibilidade de relacionamento do filme com um público cinéfilo e o público da comunidade a que o filme e a sua narrativa pertencem, uma história de comunidade e “uma história de duas crianças que aprendem que ‘o caminho é comprido’, o que explica os planos de início e fim. O tema do filme é a possibilidade de transformar as pessoas, se as ouvirmos, e também o de não devermos julgar arbitrariamente as coisas. É visível na sequência em que a criança insulta o adulto e a velha lhe diz, ‘Não a julgues, ela tem as suas razões.’ Finalmente, o tema do filme é: ‘Porque julgamos as pessoas?’ O ser humano é complexo nos seus comportamentos. A aldeia rejeita a mulher mas mantém-se solidária quando a criança adocece. E Yaaba não é uma rocha.” Temas velhos como o mundo e de certo modo como o cinema, portanto.

Ancorado num registo realista, em gestos e palavras do quotidiano, efectivamente seguindo um motivo de aprendizagem essencialmente universal, YAABA é ao mesmo tempo profundamente africano, no sentido em que o sentido do espaço, a caracterização e a integração das personagens nele se faz de modo decisivo. Desde o princípio, na tal sequência de abertura que rima com a de fim, as duas crianças são filmadas a correr no espaço amplo da terra fixada em plano geral. É atravessando-o que os dois jovens protagonistas surgem em campo e é nesse movimento que encontram a terceira personagem, da velha solitária vista na aldeia como “a causa das nossas desgraças”, com quem de imediato estabelecem uma relação de cumplicidade. O contexto é o de um jogo de escondidas, e é a velha senhora, Yaaba, nome com que Nopoko a presenteia (“É a primeira vez que me chamam avózinha”), que indica ao miúdo o sítio onde a miúda está escondida, assim entrando no universo deles. E assim entrando, no filme, como a personagem que detém o saber, justamente aquilo de que a aldeia desconfia associando a uma infame feitiçaria, e a razão pela qual a vota ao ostracismo. Será preciso esperar pelo final para entender as relações de espelho entre eles, que a questão da orfandade aprofunda, mas a ligação é directa e fica clara desde esse momento inicial (a detenção do saber e a capacidade de inocência).

Ao arrepio do espaço exterior, de liberdade, geralmente enquadrado em planos largos – espaço das personagens das duas crianças e da velha senhora –, o da aldeia e da sua população é mais *decoupado* e mais cerrado, também mais frequentemente interior, dado a ver como palco social das convenções que o regem, também o espartilhando, na ironia (o sentido de humor posto nas cenas conjugais, por exemplo) e na cegueira das regras (como demonstra a reacção da aldeia perante a doença que aflige a miúda). No seu percurso, os dois miúdos aprendem a pesar os preconceitos na mesma medida em que despertam para o mundo que lhes resiste. Seguindo-os, Idrissa Ouedraogo experimenta as possibilidades de mise-en-scène que tais motivo e personagens lhe proporcionam, construindo o filme justamente na perspectiva do poder do olhar. É do seu poder eminentemente cinematográfico que YAABA retira a sua força. Está nos planos, nos campos e contra-campos, no equilíbrio entre eles e os meandros da narrativa, como está na luz e na adequação do ritmo. YAABA é, como costuma dizer-se, um filme em estado de graça.